

## Relato de experiência do projeto “Memórias”

Relato de experiência do projeto “Memórias”

Elisete Tavares

Vianópolis, 11 de setembro de 2011.

## Sumário

Síntese de experiência.....	página 4
Objetivos do projeto.....	página 5
Desenvolvimento.....	página 7
Resultados.....	página 13
Conclusão.....	página 14
Anexos.....	página 15

### Síntese de experiência

A partir da necessidade de trabalhar as habilidades sociais e linguísticas idealizei o projeto “Memórias”, para atender meus objetivos e também como forma de unir comunidade, pais e alunos.

A partir de relatos de pessoas mais velhas, pude abordar a importância da reescrita para a excelência de um texto, assim como trabalhei os valores passados de geração em geração e também aspectos da cultura e imaginário regional.

Com essa experiência, conclui que o diálogo entre comunidade e escola é de extrema importância no processo pedagógico. A interdisciplinaridade oferece amplas oportunidades de aprendizagem e a união da equipe docente é imprescindível no cotidiano escolar.

## Objetivos do projeto

Partindo da minha realidade escolar, notei que era preciso fortalecer o vínculo entre a escola e os pais. Havia alunos e pais muito desinteressados, pais que nem mesmo frequentavam a escola. Em todo momento sempre estive ciente que esta não é uma realidade isolada, mas como uma profissional consciente de meu papel social, vi-me na condição de agente de transformação. O primeiro complicativo enfrentado foi o distanciamento entre unidade escolar e famílias, uma vez que a maioria de nossos alunos mora na zona rural e essa aproximação estava se tornando cada vez mais escassa, refletindo de maneira negativa no desenvolvimento dos alunos.

Como na sociedade moderna e pós-moderna o modo de produção mudou muito, alterou-se também as competências e habilidades inerentes à classe trabalhista. Portanto, o mercado exige hoje o profissional com conhecimento horizontal, e o que é muito salutar a esta classe é a inteligência verbal ou linguística. No entanto, queria não apenas educar para o trabalho, mas sim educar para que os alunos usem seus conhecimentos em sua vida cotidiana.

Esta competência que se manifesta pela facilidade em organizar palavras em uma sentença lógica e verdadeira seja oral ou escrita veio de encontro ao trabalho proposto. A oportunidade que se apresentava serviria tanto para contemplar a disciplina em si como para o desenvolvimento desta inteligência que é inerente a todos os seres humanos, mas em alguns revelada bem mais nitidamente que em outros, como já era percebido.

Ao trabalhar esta habilidade/inteligência estaria também contemplando outra grande carência do público estudantil da atualidade: a capacidade de ouvir. Neste mundo cada vez mais breve, as pessoas estão perdendo a capacidade de ouvir e processar as informações com qualidade. Esta capacidade constitui fator indispensável à aprendizagem da leitura e da escrita e da própria utilização da sintaxe. Como consequência desta sociedade com grande velocidade de informação a memória acaba por ficar defasada.

Passei a me preocupar em elaborar uma forma de fazer essa ponte de modo que também englobasse escola, pais e comunidade, de modo a somar na sociabilidade e no ensino em si. Passei então a realizar um trabalho de sondagem para evidenciar possíveis soluções à situação que se instaurara, e, nesta busca pude perceber a manifestação de muitos alunos em relação a esta quebra entre a realidade de cobrança dos pais, esta muitas vezes por bons resultados/rendimento e o distanciamento pela rotina escolar e a ausência nas reuniões e eventos realizados. Por esta situação ficou evidente que este distanciamento é visto por muitos docentes como descaso e desinteresse por sua vida escolar. E em resposta apresentam baixo rendimento. Diante desta situação pude iniciar minha linha de trabalho.

A escola possui dez salas de aula, uma de computação com um computador (mas os alunos não tem acesso à internet), uma biblioteca e um pátio coberto. Atende a crianças e adolescentes do distrito de Caraíba e da zona rural, num total de 161 alunos da faixa etária de 4 a 15 anos. Também possui uma horta com variedades de verduras que ajudam no reforço e melhora da merenda.

Outra peculiaridade da minha realidade escolar é a ausência de problemas disciplinares em sala de aula. Por outro lado, uma deficiência da referida instituição é a incipiência de recursos didáticos audiovisuais e de informática. Possuímos um Datashow, um dvd, uma televisão, um retroprojeter e dois aparelhos de som. A biblioteca possui poucos exemplares e não atende à necessidade que o alunado tem de um vasto acervo bibliográfico. Embora a estrutura física seja nova e adequada, problemas como os supracitados por vezes limitam nosso trabalho e nos fazem notar a importância de um material didático adequado para o ensino.

Atualmente a escola é dirigida por um novo diretor eleito no final de 2010, que segue uma linha mais tradicional em relação ao seu antecessor, mas que também desenvolve um trabalho preocupado com o desenvolvimento das várias habilidades e competências por parte dos alunos.

A comunidade na qual se encontra nossa escola, no distrito de Caraíba, situa-se distante 28 km do município ao qual pertence, Vianópolis – GO. A economia gira em torno da agricultura e da pecuária. A cultura predominante é a caipira, a vida na lavoura ou mesmo no curral é a realidade para a maioria dos alunos. O trabalho desde cedo é ensinado tanto a meninos quanto as meninas. A região também possui uma bacia leiteira muito importante para a economia, e, muitos pais de alunos trabalham com essa atividade. A rotina desses tipos de trabalhos característicos da região exigem muita dedicação e tempo e, por vezes, isso é o motivo de muitos pais não participarem de maneira efetiva na vida escolar dos filhos ou mesmo visitar a escola. Notando-se que a maioria do nosso alunado provém da zona rural esse era um problema de grande escala.

No âmbito cultural, as lendas de lobisomens, assombrações e do Romãozinho; a título de exemplo, são muito marcantes. Contadas de geração para geração tais mitos sobreviveram até hoje desde tempos imemoriais. A religiosidade católica é característica marcante da comunidade e influencia diretamente na mentalidade das pessoas daqui. O imaginário da região é muito fecundo e essa troca de experiência somaria imensamente aos alunos e assim, trabalharia também a interdisciplinaridade com eles: a história oral.

Nesse sentido, seria interessante desenvolver um projeto que aliasse a Língua Portuguesa, à cultura e história de nossa região, o desenvolvimento de várias habilidades; fazendo com que os alunos se identificassem com o conteúdo, aprimorando o aprendizado e fazendo com que eles se sentissem parte desse evento e consequentemente aumentando o interesse pela atividade proposta. Familiarizar o aluno com a matéria a ser desenvolvida melhora seu desempenho e possibilita sua formação cidadã.

Trabalhando os valores de outrora possibilitaria aos alunos vislumbrar as mudanças que ocorreram no lugar onde vivem e até mesmo na cabeça das pessoas mais velhas e por outro lado, envolveria a comunidade nesse mesmo processo.

A partir do exposto, queria saber mais sobre essas famílias, conhecê-los e trazê-los para a escola. Gostaria de entender a realidade familiar do alunado, uma vez que eles enfrentavam dificuldades em ter tempo para as atividades escolares a serem desenvolvidas em suas casas, o que refletia na leitura e interpretação feitas em sala de aula, ou seja, no desempenho de tais alunos. Assim, foquei em conhecer os valores que os norteavam.

## Desenvolvimento

Não poderia obter essas informações apenas me embasando em conjecturas, precisava de muito mais, precisava conhecer o contexto em que esses alunos viviam de forma contundente e me aproveitasse disso para o ensino de português. Conclui que teria que me aproximar de maneira efetiva dessas famílias.

A partir de tais necessidades, pensei em um projeto que envolvesse toda a família na escola: não apenas os pais, mas também os pais desses pais, ou seja, os avós e suas histórias aglomeradas pelo tempo.

A comunidade também teria que ser envolvida, porque a escola necessita dialogar com o meio do qual faz parte, adicionando experiências a esse meio. Portanto, precisávamos de uma mobilização geral. Então, levei a ideia para a sala de aula e a discuti com os alunos.

No início eles ficaram um pouco assustados, uns acharam que não ia dar certo porque as pessoas não iam querer ir até a escola para serem ouvidas. Diante de tal reação quase desisti, porém, decidi enfrentar os percalços e preparar meus alunos para o projeto.

Fiz uma roda de conversa para saber o que eles gostariam de perguntar a essas pessoas. Foi aí que me surpreendi: a turma se interessou e as perguntas foram surgindo mais e mais. Convidamos alguns moradores mais antigos para falarem sobre o lugar onde vivem, pois os alunos iriam reproduzir textos baseados nesses relatos. No entanto, essa ideia tomou novos rumos quando os alunos manifestaram o desejo de convidar seus próprios avós e tios, padrinhos e até bisavós, superaram o medo de que ninguém quisesse participar. Desse modo, o projeto se estendeu da sala de aula a toda a escola.

Foi feito um levantamento do que os alunos gostariam de perguntar às pessoas mais velhas e surgiram várias curiosidades: perguntaram sobre os estudos, como iam à escola, como eram seus professores, castigos, brincadeiras, quiseram saber também como era o relacionamento entre filhos e pais, se contavam histórias ou lendas, quais eram os valores daquela época, como era seu cotidiano. Enfim, a quantidade e qualidade de perguntas nos surpreendeu.

Levando em conta a realidade social da comunidade em que a escola está inserida, esse projeto seria muito fértil para os alunos além do sentido de produção de texto, mas também sobre a cultura regional da qual os alunos fazem parte. Realizar um levantamento de todo o imaginário inerente à nossa região seria de grande relevância para os alunos, inclusive no sentido histórico; de saber como essa mentalidade chegou até eles e de que forma ela esteve presente na vida de seus antepassados. Dessa forma, eles poderiam entender sua própria comunidade, compreender o mundo no qual vivem.

A partir dessa vontade mostrada pelos alunos, convidamos essas pessoas escolhidas para serem entrevistadas para virem até a escola ao contrário de irmos à suas casas. Dessa forma, poderíamos possibilitar o encontro dessas pessoas idosas com a comunidade escolar, facilitar uma interação entre escola e sociedade, possibilitar uma troca de ideias entre distintas gerações.

Decidimos mobilizar a escola para receber tais entrevistados. Cada professor ficou encarregado em recebê-los e conduzir a entrevista em suas respectivas salas de aula. Cada turma preparou sua sala com flores, cartazes e frases de boas vindas. As entrevistas aconteceram simultaneamente do jardim ao 9º ano.

Anotamos tudo o que os convidados disseram e a conversa foi muito proveitosa para ambos os lados. Agora era preciso uma reunião com todos os professores para saber como havia sido a experiência em suas respectivas turmas. Os relatos foram parecidos com o meu experimento: repletos de alegria e também de decepções.

Pensei que seria difícil para a professora da Educação Infantil acompanhar o projeto, no entanto, para minha surpresa, ela disse que a turminha dela tinha adorado a ideia de estar junto à sua família nesse dia.

Fiquei satisfeita com essa reunião. Senti que teria o apoio de todos e isso era muito importante para o que eu almejava, porque sem o auxílio de toda a comunidade escolar esse projeto estaria impossibilitado de acontecer.

Precisava agora falar com o diretor e a coordenadora para agendar o dia da entrevista. Disse que ela aconteceria em um único momento em todas as turmas, queria mobilizar a escola inteira para recebê-los de forma simultânea.

Com a confirmação do dia por parte da direção, a tarefa seguinte foi preparar esse momento. Voltei para a sala de aula e fomos selecionar o que seria perguntado e de que forma. Disse que eles teriam que se sentirem bem a vontade para que a conversa fluísse de forma tranquila e espontânea. Como a inteligência linguística era mais manifesta em alguns alunos, precisava desenvolver estas habilidades mínimas em todos. Para tanto foram desenvolvidas algumas atividades para estimular tais habilidades.

A primeira atividade desenvolvida foi “*Não diga não*”. Os alunos foram divididos em grupos, foi escolhido um representante para cada grupo e um aluno ficou responsável por cronometrar. Desenvolvimento:

“o professor indicia o diálogo com o aluno e deve, através de perguntas, induzi-lo a dizer a palavra *não*. (Perguntas do tipo: Você é casado? É verdade que nasceu na Nigéria?) Os alunos são informados que não devem omitir a verdade e que ao invés dessa palavra devem dizer *negativo*, *de forma alguma* ou outra expressão correspondente. Cada aluno que mantiver um diálogo dinâmico e em trinta segundos não disser a palavra *não* ganha ponto para sua equipe.” (ANTUNES: 1998: 53)

A habilidade desenvolvida com tal atividade é memória e fluência verbal.

A segunda atividade proposta foi “*Bate-palmas advérbio*”. Foi selecionado um texto pausadamente para a classe. Orientei os alunos para identificarem no mesmo a presença de advérbios, adjetivos, tempos verbais, substantivos e outros elementos da composição escrita. Desenvolvimento:

“o texto deve ser lido pausadamente e aos alunos, reunidos em grupo, devem bater palmas no momento da leitura em que surgir os advérbios (ou outra figura). Os grupos que baterem palmas no momento correto ganham pontos, que devem ser assinalados em um placar, e a atividade continua.” (ANTUNES: 1998: 68)

As habilidades a serem desenvolvidas com esse exercício são: a fluência verbal, linguagem: flexão, percepção visual e atenção.

Após esses trabalhos de desenvolvimentos, as atividades foram direcionadas ao tema. Utilizamos um caderno somente para anotar quais seriam as perguntas que os alunos fariam. Escreveram e reescreveram o que queriam perguntar de forma a ser coerente e interessante para nossos objetivos.

Mas qual seria o nome desse projeto? Muitas ideias surgiram e “Memórias” foi uma delas. Levei os nomes mais citados para todas as turmas e pedia a opinião para os professores e coordenadores. Após uma votação, o nome “Memórias” foi o grande vencedor.

O próximo passo foi preparar a escola para esse dia de modo que ficasse um ambiente acolhedor onde eles se sentissem realmente importantes e muito bem.

Senti que o projeto crescia a cada dia, pois novas ideias iam surgindo e ganhando vida e as pessoas envolvidas também se sentiam entusiasmadas em fazer parte de um projeto de certa forma inédito, em que a escola abriria suas portas para a comunidade e a troca entre essas duas instituições seria de grande valor para ambos.

No dia da entrevista, a escola ficou bastante movimentada. Como alguns convidados não poderiam vir sozinhos seus familiares os acompanharam e, dessa forma, a escola ficou cheia de visitantes e a comunidade curiosa em saber o que estava acontecendo naquele dia.

Os alunos se sentiram os “donos da casa”, mostravam suas salas de aula e as dependências da escola, apresentavam seus colegas e professores. Ficaram bem a vontade, como gostaria que tivessem ficado. **[anexo1]**

No momento da entrevista, cada aluno se dirigia ao entrevistado se identificando e fazendo sua pergunta, com a empolgação muitos deles saíram do roteiro e perguntaram livremente seguindo com interesse um relato espontâneo e emocionado de cada um. Houve certa dificuldade em organizar a turma nesse momento, pois os alunos ficaram eufóricos e entusiasmados com a nova experiência, pois ver a escola cheia de convidados era diferente dos dias normais de aula.

Foi gratificante observar a narração das histórias pelos convidados, eles diziam com o olhar às vezes preso em um passado de saudades e outros sorridentes com as curiosidades daqueles adolescentes. Os alunos também se emocionaram com os relatos ouvidos e copiaram atentamente cada palavra.

Tais depoimentos serviram aos alunos como uma forma de pesquisa ao passado e também às vezes como exemplo. A sabedoria deles contagiou toda a turma. Seus depoimentos oscilavam entre a tristeza e alegria de relembrar momentos e histórias tão antigas que agora vinham à tona. Relembrar quão diferente era a sociedade e a suas vidas também mostrou aos convidados que o mundo no qual nossos jovens vivem não é mais o mesmo. Houve uma comoção geral durante as entrevistas e talvez esse momento tenha sido a mais forte durante o projeto, uma vez que lidar com as memórias de uma pessoa é muito intenso.

Essas entrevistas repercutiram na comunidade de forma bastante positiva, pois alguns filhos dos entrevistados procuraram a escola para agradecer o convite feito a

seus pais e relatar o quanto eles se sentiram importantes em poder, com suas experiências, contribuir para a formação moral de seus netos e bisnetos; uma vez que os valores foram um assunto muito discutido durante esses momentos. Também ficaram satisfeitos em conhecer a realidade da escola da comunidade e poder constatar o potencial dos alunos.

Ao final das entrevistas os convidados foram chamados a participarem de um chá. Quando eles se reuniram foi uma surpresa geral, pois eles eram conhecidos de outras épocas, uns eram compadres, outros afilhados ou testemunhas de casamento... Juntos, pareciam uma grande família. Os convidados também foram apreciar o mural de fotos e utensílios antigos que compunham a decoração e mais uma vez um momento de surpresa e nostalgia. Muitos deles se depararam com as fotos de casamento e festas religiosas aqui da comunidade de tanto tempo atrás.

Feito as entrevistas era hora de dar início às produções escritas. Num primeiro momento, os alunos fizeram os comentários sobre aquele primeiro encontro. Eles estavam empolgados, faziam comparações e riam muito de lembrar os costumes daquela época que pareciam tão estranhos a eles nos dias de hoje, mas que para aquelas pessoas foi vital para sua formação.

Agora era o momento de ler o que tinham escrito. Em sala novamente fizemos a roda de conversa e pedi que todos se expressassem como tinha sido aquele primeiro momento. Leram, comentaram cada texto dando palpites para melhoramentos e partimos então para o primeiro rascunho.

Nesse momento, trabalhei com eles a importância da reescrita ressaltando que esse era o método para uma produção de texto de boa qualidade. Os textos se tornaram uma obra comparada a uma pedra preciosa, que precisava ser habilmente lapidada para atingir seu brilho próprio e inconfundível. Refazer o que havia ficado inadequado dentro das formas cultas da nossa linguagem não foi fácil para os alunos.

Encontrei sérias dificuldades nesse momento, pois, como já citado, trabalhar a escrita e reescrita era um dos meus objetivos. Houve um aperfeiçoamento desse primeiro rascunho e alguns alunos se mostraram impacientes para concluí-los sem antes revisá-los.

Tendo em vista tal entrave, os alunos estavam reticentes em refazer seus textos de modo a ficarem satisfatórios. Como exercício, propus uma produção fictícia coletiva no quadro e fomos juntos enxugando, acrescentando e mudando termos e palavras, refazendo a concordância, a coesão, a estrutura dos textos.

Nos textos, os alunos teriam que usar a 1ª pessoa em suas narrações e isso fez desse um momento também muito especial, pois eles se sentiram protagonistas daquelas histórias, responsáveis em contar fielmente a história daquelas pessoas. Por isso, a leitura, escrita e reescrita, em alguns momentos chegou à exaustão porque estavam com um grande encargo nas mãos: escrever uma história real.

Junto com meu alunado, li individualmente cada rascunho e me emocionei muito ao ouvir como eles haviam transcrito aquelas histórias e conseguido “capturar” as emoções de cada um.

Após o terminado o processo do primeiro rascunho percebi que meu trabalho tinha surtido efeito positivo. Deu certo! Quando iniciamos o segundo rascunho eles já estavam mais tranquilos e seguros com a reescrita.

O terceiro rascunho também li individualmente com cada aluno tentando fazê-los perceber o que poderia ser melhorado, retirado ou substituído. Os alunos leram para a turma e exercitamos a crítica em grupo. Alguns alunos comentavam e davam sugestões para melhoria desses textos, sugerindo que melhoraram no exercício de reescrever.

Orientei-os para que as produções não fugissem das verdadeiras histórias narradas pelos entrevistados e também não perdessem as características próprias do escritor.

Com o texto pronto era a hora de treinar a leitura, entonação e postura para o grande dia. A performance nesse caso seria vital para o momento da apresentação desses textos para todos inclusive para os donos das histórias. Enfim, foram trabalhos exaustivos, mas que compensaram ao constatar o resultado.

Cada turma passou pelo mesmo processo até exaustivo de reescrita. O jardim de infância iria contar essas histórias através de desenhos já que eles ainda não dominavam a escrita.

Com meus alunos, fiz o balanço desses trabalhos. Era o momento de ouvi-los e saber deles o feedback. Houve depoimentos interessantes como *“Eu fiquei muito emocionado quando li para o meu avô a sua história quando carregava em carro-de-boi. Aqui era muito diferente naquele tempo. Ele chorou quando li sua história.”*

Tinha sido um trabalho árduo, mas estava feliz com meus alunos, pois sabia que passar pela oficina de escrita, reescrita e leitura do gênero memórias, tinha ajudado ao alunado melhorar significativamente tais habilidades. Após o êxito, esse exercício seria sempre feito durante a produção textual em sala.

O momento agora seria de seleção dos textos, uma vez que somente uma história seria lida para os entrevistados. Essa tarefa não foi fácil para a coordenadora e o diretor já que eu não quis fazer parte desse processo a fim de não ser injusta com nenhum aluno e a imparcialidade ser o único critério nessa seleção.

A partir daí nos ocupamos em pensar no dia que nossos convidados retornariam à escola para ouvir de nossos alunos suas próprias histórias. Pensamos em algo bonito e que se tornasse característico da região.

O primeiro passo foi a confecção de um convite personalizado individual e também um convite para toda a família deles. Depois também foi feito convites para a família dos alunos, Secretaria de Educação, líderes religiosos, professores de outras escolas e para a comunidade em geral.

Enquanto isso os convidados aguardavam o grande dia, onde tudo ainda era uma surpresa, e meus alunos estavam curiosos para saberem o resultado do texto escolhido e como seria o momento que finalizaria nossos esforços.

Depois de selecionado os nove textos que seriam lidos para cada um deles houve uma preocupação de que os alunos perdessem a empolgação. No entanto, eles nos surpreenderam, pois ainda assim ficaram ansiosos para o grande dia.

Marcamos o dia e como a maioria dos entrevistados falou de como e quais músicas gostavam de ouvir naquela época, convidei uns cantores da região que cantariam modas de viola e sanfona típicas de nossa região.

O espaço de recreação da escola foi reservado para a ambientação do projeto: tudo foi decorado com utensílios antigos e com as fotos de todos os entrevistados no momento do primeiro contato com os alunos.

Tudo pronto! Havia chegado o momento tão esperado por todos nós.

Ao cumprimentar nossos convidados, falar do meu objetivo com o projeto e observar cada rosto marcado pelas experiências da vida, me emocionei mais uma vez. Senti que naquele dia meus alunos teriam uma aula inesquecível, pois era o momento de contar as histórias reescritas por eles, tornaram-se personagens, se envolveram nas emoções ora alegres, ora tristes de pessoas tão próximas a eles, mas que viveram em tempos muito diferentes. **[anexo 2]**

Cada entrevistado foi convidado para sentar-se à frente a fim de ouvir de um aluno a sua história. Aqui não conseguirei descrever a emoção desse momento. Estavam inebriados com os relatos de seu tempo de criança onde os medos e sonhos se misturam a seu tempo de juventude onde a força para o trabalho era plena, o momento do casamento, seus filhos e netos... Agora reviviam ali cada um dessas ocasiões deixando em segredo em seus corações se realmente foram felizes ou não.

Uma aluna do jardim gravou na memória a história de uma entrevistada e a recontou oralmente mostrando uma sequência de desenhos feitos pela turma. Foi interessante observar a singularidade dessa experiência e o modo com impactou nos convidados. **[anexo 3]**

Cada um ouvia atentamente a história do outro e em momentos encontrando nelas, passagens de sua própria história. Como nossa comunidade é pequena, a maioria eram amigos e também familiares.

Ao final, o padre do município, Elenivaldo Manuel dos Santos, falou sobre a importância da família e de resgatar alguns valores esquecidos. Falou também do significado positivo para a escola dessa aproximação com seus ascendentes.

A secretária da Educação do município, Simar Viegas, falou da emoção de estar presente num momento tão lindo em que a família, escola e comunidade estavam interagindo. Disse ainda que levaria como exemplo para outras escolas do município um projeto que a seu ver, tinha obtido êxito.

Todos receberam uma lembrança desse momento **[anexo 4]**, ouviram as músicas de seu tempo e nos confraternizamos com a comunidade. Esse foi, sem dúvida, um momento ímpar para nossa escola.

Meu projeto foi indicado pelo então padre de nossa comunidade, como exemplo de integração escola/ família e importância social, a receber o prêmio Dom Fernando Gomes dos Santos, pelo trabalho desenvolvido. **[anexo 5]**

O projeto “Memórias” também foi divulgado por um blog regional de muita repercussão “Correspondente Vianopolino”, em que convidamos o editor a estar presente no dia do evento e ele postou o convite da escola. **[anexo 6]**

No entanto, houve algumas dificuldades para a realização desse trabalho como o desinteresse de alguns alunos, transporte para trazer os convidados até a escola, dificuldade em angaria os recursos para custear todos os materiais necessários para a realização do evento, mas nenhuma foi maior que o interesse dos alunos e minha vontade de vê-lo realizado.

Meu trabalho com meus alunos na área da escrita não encerrou com esse projeto. Há muito a aprender e é preciso criar o hábito da leitura e da reescrita, e isso deve ser exercitado a todo momento em sala de aula.

## Resultados

Depois da realização desse projeto, notei que meus alunos já reescrevem com mais facilidade, exercitando o que fizeram nas oficinas, reconhecem o gênero textual com mais segurança. O alcance dos resultados desse processo extrapolou a matriz de Língua Portuguesa atingindo questões sociais como a relação pais/filhos e também lidando com o choque de gerações entre avós e netos. Dessa forma, pude trabalhar esses valores sociais e culturais de maneira eficaz e didática.

Quanto aos pais, se fizeram mais presentes, frequentando em maior número as reuniões de pais e apresentações realizadas pelos alunos. Vem sempre quando convocados, mesmo que o assunto seja notas abaixo da média. Isso facilitou o trabalho da escola e junto com a maior participação dos pais influenciou de forma positiva a aprendizagem do alunado, uma vez que se a escola trabalha isolada da comunidade e da família ela não tem razão de ser.

A comunidade local também se interessou e compareceu ao evento, alguns me procuraram querendo saber se haveria outro momento daquele ou até se poderiam “inscrever” seus pais na próxima vez! Alguns deles nunca tinham vindo à escola e ficaram sensibilizados com o trabalho dos alunos. Até porque a escola até então nunca havia sido aberta para um evento como esse, mesmo estando inserido num lugar tão pequeno não havia tido a oportunidade de integrar a escola à comunidade a qual faz parte.

O papel da direção foi de suma importância para a execução desse projeto, através da liberação de verbas e do apoio pedagógico imprescindível. À época do trabalho (2010), havia uma direção democrática e aberta a novas ideias e isso contribuiu para que o trabalho fluísse de forma satisfatória.

Ao receber e apresentar o projeto o diretor confessou que nunca imaginaria que o trabalho tomasse a dimensão que havia adquirido e também atingido o grau de qualidade com o qual foi feito. Também lembrou a importância de projetos que revitalizem e aperfeiçoem a vida escolar.

Essas experiências possibilitaram a todos professores uma maior abertura a projetos, pois aprenderam na prática a importância da união no corpo docente para o

êxito de tal proposta, de trabalhar a interdisciplinaridade e fazer com que os alunos de todos os níveis interajam num momento único.

Desse modo, pude desenvolver habilidades no campo social, afetivo e da linguística: tratando dos valores, do respeito entre gerações, da participação familiar no processo de aprendizagem e da importância do rascunho e da reescrita para a excelência de um texto.

### Conclusão

Acredito que esse projeto seja aplicável em qualquer região do Brasil, uma vez que toda comunidade tem sua cultura, suas peculiaridades e consecutivamente sua história. E que muitas das vezes alguns valores são esquecidos e mesmo a história pode ser revivida através da busca por essas memórias, e através disso poder trabalhar o conteúdo estipulado pelos PCN's e pelo PPP da escola, por exemplo.

Enfim, um projeto desse porte, que englobe todo o grupo escolar e a comunidade serviu de exemplo para todo o município. Nesse sentido, creio que a escola precisa somar à comunidade a qual pertence, mais do que isso, precisa compreendê-la para enxergar a si própria nesse contexto histórico, uma vez que ela é produto e recebe influência imediata do seu meio.

Dessa forma, pude desenvolver meus objetivos, as habilidades e competências propostas de forma a aproveitar também outros campos do conhecimento além da minha matéria. A interdisciplinaridade foi uma característica central para este projeto e acredito que atendeu a necessidade de uma experiência nesse sentido, serviu ainda para refletir sobre a prática pedagógica e ampliar horizontes não só do corpo docente, mas de todas as esferas envolvidas.

A título de conclusão, o êxito da minha experiência contribuiu para o meu aperfeiçoamento enquanto profissional e também pessoal; acredito que foi assim também com todas as pessoas que participaram do projeto "Memórias".

### Referência bibliográfica:

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências.** Petrópolis: Vozes, 1998.

Anexos

Anexo1:





Anexo 2:









Anexo 3:



Anexo 4:



Anexo 5:



Anexo 6:

Correspondente Vianópolis

correspondentevianopolino-go.blogspot.com/2010/06/escola-de-caraiba-lanca-projeto-se-bem.html

Compartilhar Denunciar abuso Próximo blog

Criar um blog Login

# CORRESPONDENTE VIANOPOLINO

BLOG DE NOTÍCIAS DE VIANÓPOLIS | apresentação: Olívio Lemos

Blog de Notícias de Vianópolis - Guia

A VOZ DO POVO DE VIANÓPOLIS

QUINTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2010

## ESCOLA DE CARAIBA LANÇA PROJETO SE BEM ME LEMBRO...



Por Olívio Lemos

A Escola Antônio de Souza Lobo Sobrinho da Localidade de Caraíba lança nesta sexta-feira, 18, em solenidade marcada para às 13 horas nas dependências da própria escola, o Projeto SE BEM ME LEMBRO, com o tema memórias.

Alunos da escola entrevistaram 12 pessoas da comunidade, as quais contaram suas histórias de vida.

O objetivo do projeto SE BEM ME LEMBRO é mostrar que existe uma forte associação entre o passado e o presente.

Além do mais, fica claro que o passado faz parte da história daquela localidade e não pode ser, jamais, esquecido.

Através do trabalho, cada aluno reconstruiu o passado, fazendo dos entrevistados sujeitos históricos e também de si próprios, uma vez que as entrevistas foram transformadas em um texto de memórias.

O projeto é coordenado pelas Professoras Luciane Bazzan e Cleusa Lopes Vieira e tem como professora orientadora, Elisete Tavares.

Os moradores de Caraíba e região entrevistados pelos alunos

OLÍVIO LEMOS



OLÍVIO LEMOS -  
LETOCOSO RURAL  
2ª FEIRA -  
LEOPOLDO DE  
BULHÕES -----3ª  
FEIRA - ORIZONA -  
-----4ª FEIRA -  
VIANÓPOLIS -----  
5ª FEIRA -  
SILVÂNIA -----6ª  
FEIRA - LUZÂNIA.  
CONVERSAS: 62 -  
99 95 21 00

CLASSIFICADOS:

VENDE-SE UMA  
QUINZEANDEZENA  
PR SUL - BOMBA  
900 PARA 4  
VICAS.

COMPLETA COM  
TRANSPERIDOR  
INOX E OPCIONAL  
PARA TAMBOR.

ACEITA GADO DE  
CORTE NO  
NEGOCIO.

TELEFONIAÇÃO

18:38  
10/02/2011

Elisete Tavares